

O ETERNO RETORNO COMO PENSAMENTO TRÁGICO

Ícaro Souza Farias*

RESUMO: o presente artigo tem por objetivo apresentar um dos conceitos essenciais da filosofia nietzschiana, a saber, o eterno retorno. Para tanto, tentar-se-á salientar o caráter trágico do “maior dos pesos” tomando a personagem Zaratustra como o ápice dessa postura filosófica que afirma a vida em sua totalidade, sem sofrer com isso.

PALAVRAS-CHAVE: Eterno retorno. Trágico. *Amor-fati*.

1 INTRODUÇÃO

Heidegger, em seu *Nietzsche I*, diz que a doutrina de Nietzsche do eterno retorno é o que designa a posição fundamental de sua filosofia. Tal doutrina anuncia a totalidade da existência perante o homem. De fato, esse pensamento desolador nos salta aos olhos. Devido a isso, não é por acaso que tendemos a recusá-la, pois ela nos coloca diante da possibilidade irrevogável do eterno retorno do que já foi vivido. Desse modo, comumente as pessoas se escandalizam com essa doutrina, buscando múltiplas formas de desqualificá-la. Nesse sentido, não é raro, segundo Heidegger tratar “o maior dos pesos” como um desvario que é fruto de uma mera crença pessoal, e, com efeito, uma tarefa impossível de ser realizada.

A despeito das avaliações arbitrárias que há em torno de tal problemática, o eterno retorno requer uma pergunta que embora seja angustiante tronar-se indispensável: esta vida tal qual foi vivida merece ser revivida infinitas vezes? Se buscarmos a resposta para a requerida

* Graduando em filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Campus de Vitória da Conquista-BA. E-mail: ikrofarias@hotmail.com



indagação nos pressupostos socrático-platônico-cristão a conclusão seria negativa. Esses pressupostos, para Nietzsche, foram responsáveis pelas degenerações modernas; causadores do enfraquecimento do homem e do “cansaço do mundo”. Em razão de valores superiores Sócrates depôs os aspectos sombrios da existência imprimindo assim na tradição do ocidente o dualismo no pensamento. Platão seu discípulo representa a antecipação do cristianismo. Essa tríplice aliança significa para Nietzsche o nascimento de valores degenerativos, a saber, a culpa, o ressentimento, moral de escravos, fraqueza e coisas afins.

Ora, para aqueles que avaliam a vida conforme esses valores o peso do eterno retorno torna-se insuportável. Por outro lado, a aquiescência do eterno retorno requer uma plena afirmação da vida na totalidade de seus aspectos. Afirmar a vida não expressa um otimismo ingênuo. Pelo contrário. Essa afirmação recusa o otimismo bem como o pessimismo que paralisa, ela vem resgatar o júbilo, o riso, a potência, a alegria, mesmo diante do terrível da existência. Nesse sentido, o eterno retorno é um pensamento trágico, por excelência, pois não pretende corrigir os fenômenos obscuros da vida, uma vez que não identifica neles uma negatividade.

2 O ETERNO RETORNO: O MAIOR DOS PESOS

Em *Ecce homo*, Nietzsche registra como teve a ideia do eterno retorno. Em agosto de 1881, em Sils-Maria, passeando pelos bosques próximos do lago de silvaplana, lhe veio esse pensamento, cuja força se expressa como a mais profunda forma de afirmação. Porém, também encontramos a exposição de tal raciocínio na obra de 1982, *A gaia ciência*, mais precisamente no aforismo 341, onde o filósofo desenvolve mais profundamente o eterno retorno:

E se um dia, ou uma noite, um demônio lhe aparecesse furtivamente em sua mais desolada solidão e dissesse: “esta vida, como você a está vivendo e já viveu, você terá de viver mais uma vez e por incontáveis vezes; e nada



haverá de novo nela, mas cada dor e cada prazer e cada suspiro e pensamento, e tudo o que é inefavelmente grande e pequeno em sua vida, terão de lhe suceder novamente, tudo na mesma sequência e ordem – e assim essa aranha e esse luar entre as árvores, e também esse instante e eu mesmo. A perene ampulheta do existir será sempre virada novamente – e você com ela, partícula de poeira!” (NIETZSCHE, 2012, p. 205, grifos do autor).

Neste aforismo Nietzsche explicita dois aspectos essenciais do eterno retorno. A) o encadeamento repetitivo dos acontecimentos: a vida tal qual foi vivida, sem acréscimos ou subtrações de experiências será reproduzida infinitamente. B) o movimento circular dos fatos na mesma sequência: tudo de profundo e superficial, de força e fraqueza na vida será vivenciado na mesma ordem. Essa exposição enfatiza as consequências psicológicas que “o maior dos pesos” (expressão que dá título ao aforismo) pode provocar. Isto é, se um dia um demônio relewa-se esse pensamento, ele seria para nós motivo de júbilo ou de desespero? Essa revelação seria para nós uma bênção ou uma desgraça? Entretanto, a despeito da postura que poderíamos adotar diante desse “pensamento abissal”, seja ela de repulsa ou acolhimento, nada afastaria de nós o peso deste fardo, ou seja, ele estaria implicado em nossas ações (Cf. MARTON, 1994). Se este peso infundisse impacto sobre nós, inevitavelmente uma pergunta surgiria: “você quer isto mais uma vez e por incontáveis vezes?” (NIETZSCHE, 2012, p. 205).

Scarlett Marton em seu texto “O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?” (1994) endossa que em *A gaia ciência*, o eterno retorno não se apresenta como tese, mas sim enquanto experimento do pensamento. Nesse sentido, esse experimentalismo se configura não apenas como uma problemática psicológica, porém, sobretudo, como uma opção filosófica. Ao analisar um problema em suas múltiplas nuances, deslindar uma questão por meio de diversos ângulos, Nietzsche está enveredando por um caminho diferente daquele que se assenta na busca da verdade a tudo custo, que tem por maior ícone Sócrates. Daí se justifica



o perspectivismo do pensamento de Nietzsche. O perspectivismo permitiria desse modo, compreender o eterno retorno não como uma tese cosmológica, mas enquanto a mais desafiadora das ideias para avaliar as forças que constitui o homem diante da possibilidade da repetição infinita dos acontecimentos. De acordo com Marton, Nietzsche recusa as filosofias que pretendem justificar a existência por meio da teleologia, isto é, que asseveram uma finalidade para a vida.

Em sua autobiografia, Nietzsche assevera que a doutrina do eterno retorno poderia ter sido ensinada por Heráclito. Já em 1873, em *A filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche já faz referência, ainda que de forma embrionária, a ideia da eterna repetição dos acontecimentos. Heráclito de Éfeso denegou a noção de ser e afirmou o mundo enquanto um perene processo de destruição, ou seja, Heráclito endossou o vir-a-ser. Para o pré-socrático, portanto, o que retorna é o conflito entre os opostos que segue eternamente¹. Com isto, não há uma identidade que constitui previamente o mundo. Nessa mesma perspectiva, não há uma verdade que antecede o eterno retorno. Nesse sentido, o que está em questão no eterno retorno não é a explicação científica do tempo, pois, se analisarmos por este ângulo esta doutrina já não nos dirá respeito.

Nietzsche Indubitavelmente, no contexto geral de sua obra, se insurge contra a ciência, ou melhor, contra a tirania científica que insiste em dá conta de todos os aspectos da existência, por meio de métodos exclusivamente racionais. De acordo com Nietzsche é a vontade de verdade que caracteriza o espírito científico. Para o filósofo, a verdade é um jogo de metáforas². Se a verdade é uma invenção, o mundo, portanto se configura

¹ Em a *Filosofia na era trágica dos gregos*, Nietzsche escreve sobre o pensamento de Heráclito: “[...] todo vir-a-ser surge da guerra dos opostos: as qualidades determinadas, que se nos aparecem como sendo duradouras, exprimem tão-só a prevalência momentânea de um dos combatentes, mas com isso, a guerra não chega a seu termo, porém a luta segue pela eternidade. Tudo se dá de acordo com esse conflito, e é precisamente esse conflito que revela a justiça eterna [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 59).

² Em *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral* nosso filósofo diz: “[...] o que é, pois, a verdade? Um exercito móvel de metáforas, metonímias, antropomorfismos, numa palavra, uma



como um conjunto de forças e que não pode ser apreendido somente por meio de fórmulas inalteráveis. Logo, buscar compreender o eterno retorno por meio de teses científica é um equívoco, porquanto se assim fosse ele não infundiria impactos sobre nossos atos. Para Nietzsche, se o mundo estivesse destinado a permanecer o mesmo sempre, necessariamente todo vir-a-ser teria perecido e todo pensar junto com ele.

Luís Rubira em seu livro *Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores* (2010), salienta que é o eterno retorno que permite o abandono da noção de ser em proveito do vir-a-ser, que supera os dualismos: efêmero/eterno, aparência/natureza, sensível/inteligível, corpo/alma, em fim, todo dualismo supostamente metafísico – inclusive as dicotomias morais e assim, nos permite pensar para além de bem e mal. A crença no eterno retorno, com efeito, se expressa como a experiência mais radical do pensamento. Trata-se de um experimento do pensar, cuja consequência é a incorporação do que há de mais terrível e o sem-sentido da existência. Destarte, o “mais pesado dos pesos” é um “crivo ético”, um “princípio seletivo”, “uma grande prova”, que permite distinguir aqueles que possuem uma franca vontade afirmativa daqueles que não possuem.

Para os homens enredados na culpa, na revolta contra o tempo, no eterno revolver a um passado indesejável (leia-se, ressentimento), o eterno retorno tornar-se um fardo insuportável. Ora, para Nietzsche essas expressões de remorso e infelicidade foram engendradas pelo cristianismo, que diferentemente dos gregos que exaltavam o aspecto trágico da vida sem consciência de culpa, infundiu nos homens o pecado e o castigo eterno merecido. Nesse sentido, em *Aurora* no aforismo 78, Nietzsche assevera:

soma de relações humanas que foram realçadas poética e retoricamente, transpostas e adornadas, e que após uma longa utilização, parecem a um povo consolidadas, canônicas e obrigatórias [...]” (NIETZSCHE, 2008, p. 36). Este fragmento é elucidativo, pois evidencia o que Nietzsche compreende por verdade. Para ele a verdade diferentemente das compreensões majoritárias, não representam a natureza do mundo ou do homem, mas uma crença: a crença na verdade. Não há, pois, um impulso à verdade, porém apenas a crença nesse impulso. Logo, o conhecimento puro não possui impulso.



Infelicidade e culpa – essas duas coisas foram postas pelo cristianismo na mesma balança: de modo que, quando é grande a infelicidade que sucede a uma culpa, ainda hoje a grandeza da culpa é involuntariamente medida por ela. Mas isso não é *antigo*, e por causa disso a tragédia grega, que tanto fala de infelicidade e culpa, embora em sentido bem diferente, está entre os grandes libertadores do ânimo [...] apenas no cristianismo tudo se torna castigo, punição bem merecida: ele faz sofredora também a imaginação do sofredor, de modo que este, em tudo o que sucede de mal, sente-se moralmente reprovado e reprovado[...] (NIETZSCHE, 2008, p. 62, grifos do autor).

Vê-se, portanto, que para aquele que avalia a existência por meio desses valores cristãos supostamente metafísicos e que internalizaram a balança da culpa e da infelicidade, seguramente a vida é um calvário. A ótica que avalia conforme a força do remorso vive em uma perpétua revolta contra o já vivido. O ressentido, impossibilitado por sua impotência em afirmar a vida, persevera na ânsia de transformar uma experiência irrevogável, e agrilhoa a vontade no passado. Este jamais responderia para o demônio anunciador do *maior dos pesos*: “você é um deus e jamais ouvi coisa tão divina” (NIETZSCHE, 2012, p. 205), pelo contrário, o amaldiçoaria. Nessa perspectiva, Nuno Nabais afirma em sua obra *Metafísica do trágico*:

[...] Para aquele no qual a memória do passado é sempre refratada na consciência da impotência e da culpa e que, por consequência, apenas a deseja apagar, anular, para esse a ideia de um retorno infinito desse passado tal e qual ele foi, a ideia de uma repetição de todos e cada um desses actos que ele quer esquecer, apareceria como uma maldição, como um terrível castigo: essa ideia aniquilá-lo-ia (NABAIS, 1997, p. 203).

Conforme Nabais (1997), a ideia de eterno retorno vem consumir a promessa da repetição de um instante admirável que já foi realizado e que se deseja outra vez realizar. Tal experiência trata-se de uma potencialização de cada ato passado como espaço da plenitude de cada experiência. Assim como lemos no final do supracitado aforismo de *A gaia ciência*: “[...] estar bem consigo mesmo e com a vida, para não desejar nada além desta



última, eterna confirmação [...]” (NIETZSCHE, 2012, p. 205). Nabais salienta que o querer reviver a ação de ter querido plenamente no passado leva a vontade a desejar o retorno de tudo o que já se quis. A redentora ideia do retorno eterno dos acontecimentos responde dessa forma à nostalgia e não ao remorso.

O modo de avaliar centrado na culpa é a expressão de uma moral que se justifica na suposta existência de um além-mundo que a legitima, cuja consequência é a produção de homens possuidores de uma vontade estiolada. A possibilidade, porém, da afirmação da eternidade do instante rejeita a atemporalidade de uma vida extraterrena em proveito da eternidade temporal. *Amor fati*, eis a fórmula de Nietzsche para alcançar a grandeza do homem e eliminar o peso da culpa: “[...] nada querer diferente, seja para trás, seja para frente, seja em toda eternidade temporal [...]” (NIETZSCHE, 2009, p. 49). Outrossim, em *A gaia ciência* no primeiro aforismo do IV livro nosso filósofo afirma,

[...] *Amor fati* [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja *desviar o olhar!* E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2012, p. 166, grifos de autor).

Ambos os esclarecimentos a respeito do *amor fati* revela que este pensamento possui uma relação intrínseca com o eterno retorno. Ora, buscar a afirmação diante do mais terrível da vida exige tanto a adesão ao eterno retorno do mesmo quanto ao *amor ao destino*. Daí que esses pensamentos radicalmente afirmativos se configuram enquanto um saber trágico, pois não tem por intuito eliminar o que há de sombrio e problemático na existência. Pelo contrário. Afirma a vida tal qual ela é. Em *Ecce homo*, Nietzsche explicita: “o dizer Sim à vida; a vontade de vida, alegrando-se da própria inesgotabilidade de no sacrifício de seus mais elevados tipos – a isto chamei dionisíaco, isto entendi como a ponte para a psicologia do poeta trágico” (NIETZSCHE, 2009, p. 61). Porém, é em *Assim*



falou Zaratustra que o pensamento trágico e afirmativo alcança seu ápice através da personagem principal.

3 ZARATUSTRAS: O MESTRE DO ETERNO RETORNO

Na terceira parte de *Assim falou Zaratustra* a personagem inicia sua viagem marítima no capítulo “Da visão e do enigma”. Esta seção configura um dos mais relevantes capítulos da obra no que tange ao pensamento do eterno retorno, pois pela primeira vez na obra aparece a exposição deste pensamento. No início da viagem, a presença de Zaratustra causa curiosidade e expectativa nos marinheiros. Contudo, a personagem é indiferente e permanece silencioso e surdo, não respondendo aos olhares e nem as perguntas. Zaratustra após três dias calado rompe o silêncio e então decide contar “a visão do mais solitário” aos marinheiros.

Zaratustra, então, conta o diálogo que teve com o “espírito de gravidade”: o anão, que sob seus ombros “pingava gotas de chumbo” em seus ouvidos. O “arqui-inimigo” de Zaratustra o provoca:

“Ó Zaratustra”, cochichou zombeteiramente, sílaba por sílaba, “ó pedra da sabedoria! Tu te arremessaste para cima, mas toda, mas toda pedra arremessada tem de – cair! Ó Zaratustra, pedra da sabedoria, pedra da funda, destruidor de estrelas! Arremessaste a ti mesmo tão alto – mas toda pedra arremessada – tem de cair! Condenado a ti mesmo e a teu próprio apedrejamento: ó Zaratustra, arremessaste longe a pedra – mas sobre ti ela cairá!” (NIETZSCHE, 2011, p. 149, grifos do autor).

O anão, desse modo, adverte Zaratustra de que a sua sabedoria do eterno retorno deve primeiramente cair sobre ele. Zaratustra estaria apto para suportar seu próprio pensamento? Devido as provocantes palavras do “espírito de gravidade” Zaratustra, então, evoca a coragem de si mesmo (Cf. RUBIRA, 2010). “Alto lá, anão!”, falei. “Eu ou tu! Mas eu sou mais forte de nós dois -: tu não conheces meu pensamento abissal! Esse – não poderias suportar!” (NIETZSCHE, 2011, p. 150). Na sequência o anão salta dos



ombros de Zaratustra e se acomoda sob uma pedra. Então, ambos se deparam com o portal e Zaratustra instiga o anão a confrontar-se com a possibilidade do eterno retorno de todas as coisas:

“Olha esse portal anão!” falei também; “ele tem duas faces. Dois caminhos aqui se encontram: ninguém ainda os trilhou até o fim. Essa longa rua para trás: ela dura uma eternidade. E a longa rua para lá isso é outra eternidade. Eles não se contradizem, esses caminhos; eles se chocam frontalmente: – é aqui, neste portal, que eles se encontram. O nome do portal está em cima: ‘Instante’. Mas, se alguém seguisse por um deles – sempre mais adiante e mais longe: acreditas, anão, que esses caminhos se contradizem eternamente? “ tudo o que é reto mente”, murmurou desdenhosamente o anão. “Toda verdade é curva, o próprio tempo é um círculo” (NIETZSCHE, 2011, p. 150, grifos do autor).

Embora a resposta cheia de desdém do anão pareça corresponder ao pensamento do eterno retorno, uma vez que afirma a circularidade do tempo, Zaratustra não se convence que o seu “demônio e inimigo” compreendeu o seu “pensamento abissal”. Pelo contrário. O anão faz uma análise aligeirada e não realiza, portanto, uma reflexão profunda sobre o problema. Mas o que justifica a resposta apressada do anão? Para tanto, é necessário entender qual é a acepção do “espírito de gravidade”. Roberto Machado em seu livro *Zaratustra: tragédia nietzschiana* (2011) interpreta que na terceira parte de *Assim falou Zaratustra* na seção “De velhas e novas tábuas” o espírito de gravidade é caracterizado como criador de coações, necessidade, finalidade, bem e mal. O anão representa, nesse sentido, a personificação do niilismo, a antiga vontade de verdade engendrada por Platão e Sócrates na filosofia e pelos valores cristãos na religião. Machado compreende, que o diálogo entre Zaratustra e o anão pode ser interpretada como o conflito entre o saber trágico e o saber racional³.

³ Em o *Nascimento da tragédia* (2010) Nietzsche evidencia a origem da cisão entre o espírito apolíneo – expressão dos sonhos, do comedimento e da consciência – e o espírito dionisíaco – a embriaguez, o exagero, a criatividade desprovida de moral – estes espíritos viviam em afinada aliança antes de Sócrates. Entrementes, com o mestre de Platão essa aliança trágica sofre uma



Se por um lado o saber trágico é afirmador o saber racional (razão na perspectiva socrática, que deprecia o mundo sensível em razão do inteligível) é responsável pela fadiga, pelo “cansaço do mundo”. Sendo o anão, portanto, a expressão da náusea, do fastio, do niilismo, ele é incapaz de compreender o pensamento de Zaratustra, pois é pesado demais para ele. Por isso, o anão não suporta quando Zaratustra argumenta:

E todas as coisas não se acham tão firmemente atadas que esse instante carrega consigo *todas* as coisas porvir? *Portanto* – – também a si mesmo? Pois o que *pode* andar, de todas as coisas, também nessa longa rua *para lá* – *tem* de andar ainda alguma vez! – E essa lenta aranha que se arrasta à luz da lua, e essa mesma luz, e tu e eu junto ao portal, sussurrando um para o outro, sussurrando sobre coisas eternas – não temos de haver existido todos nós? – e de retornar e andar nessa outra rua, lá, diante de nós, nessa longa e horripilante rua – não temos de retornar eternamente? – (NIETZSCHE, 2011, p. 151, grifos do autor).

Doravante, o anão que representa nesse cenário nietzschiano os valores morais do cristianismo não suporta a questão colocada por Zaratustra e desaparece. Porém a história narrada por Zaratustra aos marinheiros não tem seu desfecho aí. Posteriormente, Zaratustra se depara com uma cena que jamais tinha visto igual: a imagem de um jovem pastor com a face deformada, se contorcendo, sufocando. Tal estado foi provocado por uma negra e pesada serpente que saía de sua boca. A serpente penetrou na boca do pastor e o mordeu. Zaratustra tenta retirá-la, porém seu empenho é vão. Zaratustra, então, incentiva enfaticamente o pastor a morder a cabeça da serpente para arrancar este mal que o sufoca.

poderosa corrosão, uma vez que Sócrates compreendia que somente por meio da razão, da dialética, da consciência, era possível alcançar a virtude e a felicidade. Com isto, ele expulsa com seu otimismo racional o espírito dionisíaco e exalta apenas o apolíneo. Na referida obra Nietzsche escreve: “[...] o elemento otimista existente na essência da dialética, que celebra em cada conclusão a sua festa de júbilo e só consegue respirar na fria claridade e consciência? esse elemento otimista que, uma vez infiltrado na tragédia, há de recobrir pouco a pouco todas as suas regiões dionisíacas e impeli-las necessariamente à destruição [...] basta imaginar as consequências das máximas socráticas: “Virtude é saber; só se peca por ignorância; o virtuoso é o mais feliz”; nessas três fórmulas básicas jaz a morte da tragédia [...]” (NIETZSCHE, 2010, p. 87, grifos do autor).



É necessário salientar, com efeito, algumas questões: “*Quem é o pastor em cuja garganta a serpente entrou? Quem é o homem em cuja garganta entrará tudo de mais pesado, de mais negro?*” (NIETZSCHE, 2011, p. 152, grifo do autor). Um dos textos da seção “O convalescente” permitem elucidar tais questões. Zaratustra afirma, “[...] *isso me sufocou, me havia entrado na garganta [...]*” (NIETZSCHE, 2011, p. 210). Zaratustra, então, narra aos marinheiros que o jovem pastor que se contorcia com a negra serpente era ele mesmo.

Mas qual o significado da serpente? Diz “O convalescente”: “O grande fastio pelo homem – isso me sufocou [...]: e o que o vidente vaticinou: “Tudo é igual, nada vale a pena, o saber sufoca” [...]” (NIETZSCHE, 2011, p. 210). Essa passagem indica que a serpente encarna o niilismo. Este niilismo diz respeito a um tipo específico de niilismo. Não representa o niilismo que deprecia a vida em proveito de valores superiores que tem por maior representante o cristianismo. Não se trata do niilismo que desvaloriza os valores superiores: o niilismo reativo, moderno, burguês decorrente da “morte de Deus”. A serpente simboliza o niilismo passivo, cuja consequência deriva da impossibilidade do aperfeiçoamento do homem, ou seja, que o homem fatigado, enfermo, culpado, pequeno, reativo sempre existirá. Nietzsche constata que com a desesperança no além-mundo, consequência da “morte de Deus” somado à desesperança no progresso humano, resulta na existência do niilista passivo que cansa-se, lamenta-se pelo fato do homem ter permanecido incapaz de superar-se (Cf. MACHADO, 2011).

Eis a grande dificuldade do eterno retorno: suportar a ideia de que tudo retorna – inclusive o que há de menor, de pequeno. Em outros termos: o maior problema consiste em aceitar que tudo retorna, sem esperanças que um acontecimento possa ser corrigido no porvir; sem esperanças num futuro paradisíaco de um além-mundo e não cair no pessimismo estéril do “adivinho” que afirma que estamos demasiadamente fatigados até mesmo para morrer. É justamente a possibilidade do retorno do pequeno que faz “O convalescente” sentir nojo: “Esse era meu fastio pelo homem! E eterno



retorno inclusive do menor! Esse era meu fastio por tudo que existe! Ah, nojo! Nojo! Nojo! – –” (NIETZSCHE, 2011, p. 210, grifos do autor).

A convalescença de Zaratustra o fez sentir asco e fadiga. Aqui Zaratustra ainda não incorporou toda a trágica afirmação do “peso mais pesado”; ainda não se tornou herói trágico. Os animais do convalescente, porém, conhecem seu destino e sabedoria, sabem que o destino de Zaratustra era único, pois homem algum havia experimentado.

[...] ó Zaratustra, quem tu és e tens tornar-te: eis que és o *mestre do eterno retorno* – é esse agora o teu destino! Que tenhas de ser o primeiro a ensinar essa doutrina – como esse grande destino não seria também teu maior perigo e maior doença? Vê, sabemos o que ensina: que todas as coisas eternamente retornam, e nós mesmo com elas, e que *eternas vezes* já estivemos aqui, juntamente com todas as coisas (NIETZSCHE, 2011, p. 211, grifos nossos).

Após a fala dos animais Zaratustra permaneceu deitado, em silêncio e de olhos fechados como se estivesse dormindo, porém não estava. Zaratustra dialogava consigo mesmo, penetrava em sua alma. Os animais, doravante, respeitaram o estado absorto de Zaratustra e se retiraram.

Como bem entendeu Heidegger (2010), a partir daí, Zaratustra tornar-se herói, pois encarnou em seu conteúdo pleno o pensamento mais pesado: o eterno retorno. Com isto, ele é o sábio, uma vez que compreende que o maior e o menor convivem eternamente. Logo, ele é aquele que vai ao encontro tanto do sofrimento mais temível quanto da esperança mais elevada, imbuído da mais profunda coragem. Mais: o saber trágico nietzschiano que tem seu auge em Zaratustra não identifica no sofrimento, na náusea, na dor uma objeção à vida. A acepção do trágico em Nietzsche não se fundamenta em um pessimismo autodestrutivo que crê “que nada vale à pena”, bem como não se expressa enquanto um mero otimismo cego, mas sim na afirmação sem ressalvas da vida, tal como ela é.



A postura de Zaratustra, nesse sentido, é diametralmente oposta àquela do socratismo. A visão socrática se constitui pela recusa dos aspectos sombrios e terríveis da existência, pois identifica nestes fenômenos – tão caros à tragédia – uma objeção à racionalidade. A vida que muitas vezes se apresenta obscura deve ser na ótica socrática submetida aos ditames da razão a fim de corrigi-la. Já a postura do herói trágico – Zaratustra – está apta para viver e reviver a vida sem o intuito de extirpar dela sua tragicidade, sem acomodar-se no otimismo da crença na racionalidade, tão pouco compreender o sofrimento como uma enfermidade que deve ser curada a qualquer custo pela razão. O herói trágico afirma incondicionalmente a vida em sua plenitude, ama a vida sem reservas.

Em *Ecce homo* no capítulo “O nascimento da tragédia” Nietzsche anuncia: “[...] eu prometo uma era *trágica*: a arte suprema do dizer Sim à vida, a tragédia, renascerá quando a humanidade tiver atrás de si a consciência das mais duras, porém necessárias guerras, *sem sofrer com isso [...]*” (NIETZSCHE, 2009, p. 62, grifos do autor). Como se percebe, a filosofia nietzschiana acata frontalmente o idealismo moral e metafísico e suas consequentes dicotomias – bem/mal, sensível/inteligível – em proveito da reconciliação com a terra, de uma intempestiva afirmação que não teme o “pensamento abissal”, mas vivencia um júbilo intenso diante da possibilidade do retorno de todas as coisas.

4 CONCLUSÃO

Afirmar a vida sem ressalvas, incondicionalmente, dizer Sim até mesmo a dor e o sem sentido da existência. A fórmula para essa plena aceitação à vida é *amor fati*, amor do destino. Isto é: viver um instante de tal maneira que ele seja digno de ser repetido infinita vezes. Aceitar a vida como ela se mostra requer alegria para assim vive-la sem o peso do castigo eterno engendrado pelo cristianismo, para em fim aligeirá-la. É asseverar



até mesmo o que há de pequeno, de raso e não padecer no niilismo passivo do adivinho que considera que nada mais vale apenas. Nesse contexto, da filosofia de Nietzsche, Zaratustra é o apogeu do júbilo, é o mestre do eterno retorno.

Desde o *Nascimento da tragédia* Nietzsche se insurge contra o racionalismo socrático que tem por intuito corrigir o que há de problemático na vida. A postura de Zaratustra é totalmente diversa dessa. O pensamento zaratustriano celebra dionisiacamente a vida. Com isto ele torna-se super-homem, porquanto avalia a existência longe das dicotomias morais, avalia para além de bem e mal. Mais: vive o instante sem o receio de que uma possível dor possa destruí-lo. Em outros termos: vive de tal maneira que não deseja nada senão a “eterna confirmação e chancela”.

REFERÊNCIAS

- HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche I*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- MACHADO, Roberto. *Zaratustra, tragédia nietzschiana*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- MARTON, Scarlett. O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético? In: TÜRCKE, Christoph (Org). *Nietzsche: uma provocação*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994, p. 11-32.
- NABAIS, Nuno. *Metafísica do trágico: estudos sobre Nietzsche*. Lisboa: Relógio D'Água, 1997.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A filosofia na era trágica dos gregos*. São Paulo: Hedra, 2008.
- _____. *Assim falou Zaratustra*. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- _____. *A gaia ciência*. São Paulo: Companhia das letras, 2012.
- _____. *Aurora*. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- _____. *Ecce homo*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.



_____. **O nascimento da tragédia.** São Paulo: Companhia das letras, 2010.

_____. **Sobre verdade e mentira.** São Paulo: Hedra, 2008.

RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores.** São Paulo: Barcarolla, 2010.



Ícaro Souza Farias

<http://lattes.cnpq.br/9081190052616040>

